

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | FUTURO

19 e 24 de Junho de 2024

### HANDS OF THE FUTURE / 2021

*um vídeo-ensaio de* SABRINA D. MARQUES, MEHDI JAHAN, DAN SHOVAL

*Realização:* Sabrina D. Marques, Mehdi Jahan, Dan Shoval *Narração:* Adrian Martin *Filmes (excertos):* Movement in the Inside of My Left Hand (Linda Christanell, 1978), Lucky Star (Frank Borzage, 1929), Rani Radovi (Zelimir Zilnik, 1969), Le sel des larmes (Philippe Garrel, 2020), Farpões Baldios (Marta Mateus, 2017), Un soir après la guerre (Rithy Panh, 1998), The Fourth Man (Paul Verhoeven, 1983), Les lèvres ruges (Harry Kümel, 1971), Flesh and Fantasy (Julien Duviver, 1943), The Wolf Man (George Waggner, 1941), O Rio do Ouro (Paulo Rocha, 1998), En la palma de tu mano (Roberto Gavaldón, 1951), Nanami: the Inferno of First Love (Susumu Hani, 1968), Les enfants du paradis (Marcel Carné, 1945), Kapurush (Satyajit Ray, 1965), Lulu Tulipunaisesta Kukasta (Teuvo Tulio, 1938), Les deux Anglaises et le continent (François Truffaut, 1971), Mildred Pierce (Michael Curtiz, 1945), Macao (Josef von Sternberg, Nicholas Ray, 1952), Les savates du bon Dieu (Jean-Claude Brisseau, 2000), Senza pietà (Alberto Lattuada, 1948), Fallen Angel (Otto Preminger, 1945), Maldone (Jean Grémillon, 1928), Pierrot le fou (Jean-Luc Godard, 1965), Hello, Dolly! (Gene Kelly, 1969), Persona (Ingmar Bergman, 1969), Voyage d'une main (Raoul Ruiz, 1984), Requiem (Alain Tanner, 1998) *Produção:* Portugal, Israel, Índia, Austrália, 2021 *Cópia:* ficheiro digital, preto-e-branco e cor, versão original em inglês ou legendada em inglês, 12 minutos.

### THE PURPLE ROSE OF CAIRO / 1985

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

*um filme de* WOODY ALLEN

*Realização, Argumento:* Woody Allen *Fotografia:* Gordon Willis *Som:* James Sabat *Montagem:* Susan E. Morse *Música original:* Dick Hyman *Cenários:* Carol Jeffe *Figurinos:* Jeffrey Kurland *Interpretação:* Mia Farrow (Cecilia), Jeff Daniels (Tom Baxter/Gil Shephard), Danny Aiello (Monk), Dianne Wiest (Emma), Van Johnson (Larry), Zoe Caldwell (a condessa), John Wood (Jason), Milo O'Shea (Padre Donnelly), Debora Rush (Rita), Irving Metzman (o gerente do cinema), John Rothman (o advogado de Hirsch), Stephanie Farrow (a irmã de Cecilia), Alexandre H. Cohen (Raoul Hirsch), Camille Saviola (Olga), Karen Akers (Kitty Haynes), Michael Tucker (a agente de Gil), Annie Joe Edwards (Dalila), Peter McRobbie (o comunista), Edward Herrmann (Henry), Eugene Anthony (Arturo), Ebb Kieserman, Juliana Donald, etc.

*Produção:* Orion (Estados Unidos, 1985) *Produtores:* Jack Rollins, Charles H. Joffe *Produtor Executivo:* Charles H. Joffe *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 82 minutos *Estreia Mundial:* 25 de Janeiro de 1985, em Los Angeles *Estreia em Portugal:* 12 de Setembro de 1985, nos cinemas Londres, Las Vegas e S. Jorge, a 12 de Setembro de 1985 *Primeira exibição na Cinemateca:* Novembro de 1986 ("70 Anos de Filmes Castello Lopes").

**NOTA** *Hands of the Future* é apresentado com texto e legendas em inglês sem legendas em português. O texto da narração inicial em off, está traduzido em português no texto desta "folha". O ficheiro digital de tem oscilações de som consoante os excertos que o compõem.

com as presenças de Sabrina D. Marques e José Medeiros para uma conversa no final

---

Não está escrito nas estrelas, está escrito nas mãos. É mais tangível e nem por isso menos celeste: *Hands of the Future*, o curioso vídeo-ensaio de Sabrina D. Marques, Mehdi Jahan e Dan Shoval faz uma leitura de palmas de mãos em planos de cinema. O chão é a complexa arte da interpretação e adivinhação, uma prática antiga nos quatro cantos do mundo com mais que se lhe diga do que ditam lugares-comuns associados. São convocadas mãos que participam da matéria de uns trinta filmes, uma curva cronológica

descrita entre os anos 1920 e os 2020. Os títulos estão identificados por ordem de “entrada em cena” em dois cartões finais (nas versões em inglês) e são consultáveis na ficha técnica acima (os originais). Sobre fundo negro e desenhos de mãos, linhas e símbolos dos cartões de início, um *off* explana o motivo:

“Talvez seja uma ciência, talvez seja uma fantasia. Quiromancia. É a arte de ler o passado, o presente ou o futuro nas linhas da mão de uma pessoa. Uma mão é uma paisagem de intersecções, pontos, montes, curvas, ramificações e texturas. Uma mão é como um ecrã, a preencher por um filme. Cuidando de possibilidades múltiplas de aventura, o cinema sempre viajou pela leitura de mãos. Suspeitando, vaticinando, falhando ou confirmando o que o destino reserva. O mistério da narrativa adensa-se!” O enredo dobra possibilidades e associações narrativas pegando no fio de um muito grande plano de Linda Christanell, uma mão aberta de linhas pronunciadas que chama as mãos grandes e pequenas de duas personagens de Borzage – um movimento e as estrelas, *Movement in the Inside of My Left Hand* e *Lucky Star*. E por aí fora, com graça e associações sensíveis. À procura de uma mão, de uma linha da sorte ou da sorte na vida. *Se Hands of the Future* propõe “a construção de uma narrativa sobre as trocas possíveis entre o passado e o futuro vaticinados no momento presente através do acto da leitura de mãos no cinema”, a sua projecção abre a leitura das imagens e dos sons, algumas falas, algumas canções, a novas reverberações.

Também é exercício de cinefilia, de montagem, variação de ensaio crítico. *Hands of the Future* joga essa agilidade na ideia da circulação do presente, passado e futuro passível de representação na parte do corpo que é “o verdadeiro espelho da alma” (fala de uma personagem mexicana, *En la palma de tu mano*). E reúne, numa espécie de roda, palmas de mãos místicas, trabalhadoras, amorosas, assustadoras, expectantes, crentes, disponíveis, cépticas, atónitas, desconcertantes, divertidas, de linhas firmes ou vacilantes ou interrompidas, jovens, adultas ou anciãs a lembrar os nascidos, os mortos, as sombras, as flores (*Farpões Baldios*). Ou mais interessadas na linha da arte, da vida ou na confluência das linhas da sorte e da anca de uma rapariga vestida de vermelho com o Mediterrâneo em fundo e o Technicolor a vibrar juventude (*Pierrot le fou*). Etc., etc., etc. Talvez cada espectador possa continuá-lo com outras linhas de mão. Aí vão umas: as vincadas num plano de Man Ray no translúcido *Étoile de mer*.

Não se conta entre as teias narrativas de *Hands of the Future*, mas a rima, na sessão, é *A Rosa Púrpura do Cairo*.

E se fosse possível marcar encontros nas bobines de um filme, se as personagens que tremeluzem num ecrã de cinema aquecidas pelos feixes de luz que vêm de uma cabina de projecção decidissem tomar as rédeas da narrativa? Ou se se baralhassem? Se a seguir a um beijo apaixonado viesse sempre o desfecho de um fundido encadeado? Bem, as primeiras hipóteses não fazem hoje o mesmo sentido universal que faziam em 1985, quando Woody Allen realizou *THE PURPLE ROSE OF CAIRO* porque, na era digital, o lado material do cinema tende a ser raridade, ou até bizarria, e mesmo a noção de um filme feito de bobines de película não é entendida por todos da mesma maneira. E sem a luz de um projector mecânico, podendo tornar-se mais “limpo”, o cinema também ficou mais “frio”, menos físico, ida a matéria. Não é a questão deste filme, que de resto já olha o cinema em retrospectiva quando, para contar a história da crença absoluta de uma espectadora, a situa nos anos 1930 da Grande Depressão americana. Mas da ingenuidade das premissas, retira Woody Allen o máximo partido vertendo-a nos diálogos, a grande sugestão do filme. “You make love without fading out?”

Sabe-se que *THE PURPLE ROSE OF CAIRO* é um dos mais conhecidos títulos de Woody Allen, a par dos anteriores *ANNIE HALL* e *MANHATTAN* (1977/79), ainda a sua filmografia não tinha chegado à vintena de títulos, indo a

menos de metade dos realizados em 2023 – com COUP DE CHANCE / GOLPE DE SORTE em cartaz. Sabe-se que THE PURPLE ROSE OF CAIRO encontrou inspiração em *Seis Personagens à Procura de um Autor* de Pirandello (1921), na obra-prima de Buster Keaton, SHERLOCK JR. (1924, que os espectadores da sessão de hoje começam por ver) ou no mais discreto HELLZAPOPPIN (H.C. Potter, 1941). Mas também, notava Manuel Cintra Ferreira numa “folha” anterior, em THE SIXTEEN MILLIMETER SHRINE (Mitchell Leisen, 1959), o episódio da série Twilight Zone protagonizado por Ida Lupino no papel de uma actriz de cinema que se alimenta da sua memória de estrela nos filmes que fez no passado para, nas suas projecções diárias, encontrar um casulo, como antes dela Gloria Swanson em SUNSET BOULEVARD (Billy Wilder, 1950). Sabe-se que o título vem do “filme no filme” de onde a personagem de Jeff Daniels sai como personagem de ficção para entrar no mundo real da ficção de Woody Allen. Voltar à ROSA PÚRPURA DO CAIRO é voltar a seguir Mia Farrow e Jeff Daniels, sobretudo eles, neste Woody Allen sem Woody Allen, o que até aos anos 2000 era mais da excepção do que da regra na filmografia do realizador-actor que foi encontrando noutros rostos e noutros corpos outros reflexos de si mesmo. “I love you. I’m honest, dependable, courageous, romantic, and a great kisser.” / “And I’m real.”

Também faz sentido lembrar como Manuel Cintra Ferreira lembrou que, aqui, Woody Allen retrabalha o tema de um dos seus primeiros filmes: PLAY IT AGAIN, SAM (Herbert Ross, 1972) foi escrito e interpretado por Woody Allen a partir da sua própria peça homónima levada à cena na Broadway em 1969, e nele a história de Allen / Allan dialoga com a de Bogart / Rick em CASABLANCA, fazendo intervir Bogart (o Bogart de Jerry Lacy) como personagem que aconselha o crítico de cinema Allan sobre como lidar com as mulheres. “If that plane leaves the ground and you’re not on it, you’ll regret it; maybe not today, maybe not tomorrow, but soon, and for the rest of your life” – nesse filme, Allen / Allan repete a famosa réplica, “que esperou a vida toda para dizer”, a Diane Keaton. Em THE PURPLE ROSE OF CAIRO, as falas não mimetizam diálogos célebres, não há citação. A protagonista, Mia Farrow, é uma mulher que vive na pele as agruras da Grande Depressão, encontrando um horizonte de evasão na sala escura do cinema. Não se pode ter tudo, diz ela, Cecilia, já depois de Jeff Daniels sair do ecrã para a plateia, qual Sherlock / Keaton. “I just met a wonderful new man. He’s fictional but you can’t have everything.”

A realidade decepciona, aprende a Cecilia de Mia Farrow, que não vê Ozu no cinema local de New Jersey onde passa o tempo que pode, e onde acaba a olhar a graciosidade da dança de Fred Astaire e Ginger Rogers em TOP HAT (Mark Sandrich, 1935) depois de os protagonistas “reais” e imaginários da ROSA PÚRPURA DO CAIRO terem debandado para Hollywood. Pois é, só as entidades que não são de carne e osso não são magoadas nem sangram nem se despenteiam – mas também não provam champanhe, que no mundo do faz de conta do plateau da ROSA PÚRPURA DO CAIRO é *ginger ale*. Mas é já TOP HAT que embala a história no começo, quando a canção traz a voz de Fred Astaire das nuvens antes de aterrarmos nos olhos espantados de Cecilia, *Cheek to Cheek*, “Heaven, I’m in heaven / And my heart beats so that I can’t hardly speak”. Assim, THE PURPLE ROSE OF CAIRO joga o jogo dos reflexos e da cinefilia assentando-o no espanto dos olhos da protagonista, pelo lado do espectador do cinema disponível para malabarismos de argumentistas engenhosos – tomados por Deus pelas personagens de ficção deles –, mesmo quando as voltas lhes são incrivelmente trocadas. “I’m sorry. It’s written into my character to do it, so I do it.”

Maria João Madeira